



<https://doi.org/10.47456/simb.v13i2.51266>

A câmera e o campo: deslocamentos visuais na Antropologia

The camera and the field: visual displacements in Anthropology

La cámara y el campo: desplazamientos visuales en la Antropología

Virgilio Cesar de Mello Libardi

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Maria Cristina Dadalto

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Rafaela Oliveira Borges

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Resumo Este artigo discute os deslocamentos históricos e contemporâneos da fotografia no interior da Etnografia, examinando a passagem de seu uso como instrumento classificatório e probatório para abordagens que a compreendem como prática situada, relacional e epistemologicamente ativa. A partir de um panorama crítico dos usos da imagem na Antropologia, o texto articula debates da Antropologia visual, das metodologias colaborativas e das transformações associadas à circulação digital das imagens, enfatizando a fotografia como gesto, forma de escuta e coautoria no trabalho de campo. Ao situar essas transformações no contexto mais amplo da Etnografia multimodal, o artigo propõe compreender a fotografia não como recurso auxiliar, mas como linguagem que participa da construção do campo e da produção do conhecimento antropológico. Com isso, busca contribuir para o debate sobre as reconfigurações epistemológicas da Etnografia contemporânea e sobre os modos plurais de narrar e interpretar a experiência etnográfica. Trata-se de um ensaio teórico de caráter reflexivo, fundamentado em revisão crítica de literatura no campo da Antropologia visual.

Palavras-chave: etnografia; fotografia; antropologia visual; multimodalidade.



Abstract This article examines historical and contemporary shifts in the role of photography within Ethnography, focusing on the transition from its use as a classificatory and evidentiary tool to approaches that understand it as a situated, relational, and epistemologically active practice. Drawing on critical debates in visual anthropology, collaborative methodologies, and the transformations associated with the digital circulation of images, the article foregrounds photography as a gesture, a mode of listening, and a form of co-authorship in fieldwork. By situating these transformations within the broader framework of multimodal ethnography, the article argues that photography should not be regarded as an auxiliary resource, but as a language that actively participates in the construction of the field and in the production of anthropological knowledge. In doing so, it contributes to ongoing discussions on the epistemological reconfigurations of contemporary ethnography and on plural ways of narrating and interpreting ethnographic experience. This article takes the form of a reflexive theoretical essay grounded in a critical review of the literature in the field of visual anthropology.

Keywords: ethnography; photography; visual anthropology; multimodality.

Resumen Este artículo analiza los desplazamientos históricos y contemporáneos de la fotografía en el interior de la Etnografía, examinando el tránsito desde su uso como instrumento clasificatorio y probatorio hacia enfoques que la comprenden como una práctica situada, relacional y epistemológicamente activa. A partir de un panorama crítico de los usos de la imagen en la Antropología, el texto articula debates de la Antropología visual, de las metodologías colaborativas y de las transformaciones asociadas a la circulación digital de las imágenes, enfatizando la fotografía como gesto, forma de escucha y coautoría en el trabajo de campo. Al situar estas transformaciones en el contexto más amplio de la Etnografía multimodal, el artículo propone comprender la fotografía no como un recurso auxiliar, sino como un lenguaje que participa activamente en la construcción del campo y en la producción del conocimiento antropológico. De este modo, busca contribuir al debate sobre las reconfiguraciones epistemológicas de la Etnografía contemporánea y sobre los modos plurales de narrar e interpretar la experiencia etnográfica. Se trata de un ensayo teórico de carácter reflexivo, fundamentado en una revisión crítica de la literatura en el campo de la Antropología visual.

Palabras clave: etnografía; fotografía; antropología visual; multimodalidad.

Recebido em 30-01-2026

Modificado em 30-04-2026

Aceito para publicação em 05-07-2026

Introdução

A fotografia integrou-se cedo ao repertório da Etnografia, moldando modos específicos de ver, classificar e interpretar o mundo social. Em seus primeiros usos, no século XIX, foi incorporada a partir de um imaginário científico que buscava fixar tipos humanos, registrar diferenças corporais e ordenar, visualmente, povos e culturas. A imagem circulava como prova – entendida como evidência visual mobilizada para sustentar classificações e interpretações sobre o outro –, como indício e como documento, sustentando narrativas evolucionistas e coloniais que pretendiam estabilizar o outro dentro de hierarquias previamente desenhadas. Assim, a câmera, além de documentar, operava como instrumento de autoridade, contribuindo para a fabricação de categorias e desigualdades que estruturaram os projetos imperiais e suas formas de conhecimento.

Ao longo do século XX, críticas internas à disciplina e aportes pós-coloniais, feministas e reflexivos transformaram esse estatuto. A fotografia deixou de ser tomada como registro neutro e passou a ser compreendida como prática situada, atravessada por relações de poder, escolhas estéticas e negociações entre pesquisadores/as e interlocutores/as. Esse deslocamento abriu espaço para perspectivas que entendem a imagem como gesto, acontecimento e forma de coautoria, recolocando no centro a dimensão ética e política do ato de fotografar.

É nesse horizonte que este artigo se insere. Examinamos alguns dos principais deslocamentos que marcam a relação entre fotografia e Etnografia – da função classificatória e probatória às abordagens colaborativas, sensoriais e às formas contemporâneas de circulação digital das imagens – para discutir como diferentes tradições teóricas reconfiguraram o papel da imagem na produção de conhecimento antropológico. Longe de ocupar um lugar meramente ilustrativo ou auxiliar, a imagem passa a atuar como elemento ativo na construção do campo, na elaboração das narrativas etnográficas e na própria experiência do trabalho de pesquisa.

Esse movimento não diz respeito apenas à fotografia, mas integra uma reconfiguração mais ampla das práticas antropológicas no interior da Antropologia visual. Como argumenta Ribeiro (2005:614), desde a passagem da “era da reprodutibilidade técnica” à “era da transformação digital”, as imagens deixaram de operar, prioritariamente, como instrumentação de registro para assumir formas narrativas complexas, articulando fotografia, som, audiovisual, escrita e, mais recentemente, suportes digitais e hipermidiáticos. Nesse contexto, a Etnografia aproxima-se de práticas multimodais, nas quais o conhecimento deixa de ser organizado de maneira linear ou exclusivamente textual, mas por meio da justaposição de linguagens, da montagem de perspectivas e da circulação de materiais heterogêneos. A fotografia, assim, participa da própria elaboração do pensamento antropológico, reconfigurando modos de ver, narrar e escutar.

Ao articular um panorama histórico com debates contemporâneos sobre agência das imagens, escuta visual e metodologias colaborativas, este artigo propõe compreender a fotografia como prática que produz conhecimento ao mesmo tempo em que o problematiza. A análise revisita usos pretéritos da imagem na Etnografia, discute abordagens que enfatizam seu caráter relacional e sensorial e examina regimes contemporâneos de visualidade associados à circulação digital. Com isso, busca-se contribuir para o debate sobre as transformações epistemológicas da Etnografia, situando a fotografia no interior de uma constelação multimodal¹ de práticas, linguagens e experiências que atravessam, hoje, o próprio fazer antropológico.

Nesse sentido, embora o artigo dialogue com uma tradição consolidada de reflexões sobre Antropologia visual e Etnografia multimodal, sua proposta não se limita a oferecer uma revisão panorâmica dessas abordagens. O ensaio busca destacar um deslocamento específico: compreender a fotografia no trabalho etnográfico menos como técnica de registro ou suporte metodológico e mais como gesto relacional que participa da constituição do próprio campo. Ao articular debates sobre agência das imagens, metodologias colaborativas e circulação digital da visualidade, argumenta-se que a fotografia pode ser pensada como forma de escuta etnográfica – isto é, como prática que produz conhecimento ao mesmo tempo em que redistribui posições de fala e visibilidade entre pesquisador/a e interlocutores/as. É nesse ponto que o texto pretende contribuir para o debate contemporâneo, situando a fotografia no interior de uma ecologia multimodal de práticas de conhecimento em que imagem, presença e coautoria se tornam dimensões constitutivas da experiência etnográfica.

O artigo está organizado em três momentos principais: inicialmente, revisita-se o uso da fotografia no contexto da Antropologia física e do colonialismo; em seguida, discutem-se as transformações epistemológicas que reposicionam a imagem como prática situada e relacional; por fim, analisam-se abordagens contemporâneas no âmbito da Etnografia visual, com ênfase em metodologias colaborativas e nos regimes de circulação digital das imagens.

Percurso metodológico

Esta pesquisa configura-se como um ensaio teórico-reflexivo fundamentado em uma revisão crítica de literatura no campo da Antropologia visual. O objetivo não é produzir novos dados empíricos, mas compreender os deslocamentos históricos, epistemológicos e metodológicos que marcaram o uso da fotografia na Etnografia, desde sua função classificatória e colonial até sua apropriação contemporânea como

¹ “Etnografia multimodal”, “multimodalidade” e “constelação multimodal” são, aqui, entendidas como formas de articulação entre diferentes linguagens – textual, visual, sonora e digital – na produção de conhecimento.

prática situada, relacional e colaborativa. A metodologia aqui apresentada busca tornar explícitos os critérios que orientaram a construção do *corpus* bibliográfico, garantindo transparência ao processo analítico.

O *corpus* selecionado é composto por um conjunto de obras – livros, artigos e capítulos – que discutem, diretamente, a relação entre fotografia e Etnografia ou que contribuem para debates que afetam a compreensão da imagem no trabalho antropológico. Foram privilegiados textos que analisam, criticamente, os usos coloniais e classificatórios da fotografia, que participam das reconfigurações epistemológicas ocorridas ao longo do século XX e que exploram metodologias visuais contemporâneas, especialmente aquelas de caráter colaborativo, sensorial ou reflexivo.

O recorte temporal compreendido estende-se do século XIX ao início da década de 2020. Essa amplitude busca permitir a análise de três momentos que se articulam na constituição do campo: 1) o período colonial e a Antropologia física, nos quais a fotografia operava como técnica de classificação; 2) a virada crítica do século XX, responsável por problematizar a objetividade da imagem e introduzir debates sobre reflexividade e linguagem; e 3) o período contemporâneo, marcado pela emergência de metodologias colaborativas e pela circulação digital das imagens.

A análise desenvolvida neste artigo foi orientada por três eixos principais. O primeiro deles é histórico-genealógico, voltado à identificação dos modos como a fotografia foi mobilizada para produzir classificações, tipologias e hierarquias sociais no contexto colonial. O segundo eixo é epistemológico, dedicado às transformações teóricas que deslocaram a fotografia de um registro considerado objetivo para uma prática situada, marcada pela presença, pela negociação e pela coautoria. O terceiro eixo é metodológico, no qual se examinam as contribuições da Antropologia visual contemporânea, especialmente no que diz respeito às abordagens colaborativas, às imagens vernaculares, aos arquivos pessoais e às práticas experimentais que ampliam o lugar da fotografia na Etnografia.

A abordagem adotada é de natureza teórico-reflexiva, baseada em revisão crítica de literatura. Por assumir a forma de um ensaio teórico, este estudo não apresenta dados empíricos próprios, embora mobilize exemplos para contextualizar certas transformações históricas e epistemológicas. Reconhece-se, ainda, que o *corpus* bibliográfico não pretende ser representativo de toda a produção da área, mas foi construído de modo a contemplar debates considerados centrais para a compreensão das mudanças no estatuto da imagem no campo antropológico.

Usos pretéritos da fotografia na Etnografia

A incorporação da fotografia às Ciências Sociais ocorreu em estreita relação com o contexto colonial e com as práticas da Antropologia física. Longe de constituir um mero recurso técnico, a imagem fotográfica operou como extensão de um olhar eurocêntrico que visava classificar, hierarquizar e, muitas vezes, desumanizar os povos fotografados. Como argumenta Caiuby Novaes (2023), essas imagens cumpriam funções expressivas e ideologicamente orientadas: reforçavam estereótipos raciais e culturais e legitimavam uma estrutura de dominação que se apresentava como científica, mas que reduzira a subjetividade dos grupos retratados. Nesse arranjo, a fotografia tornou-se parte constitutiva da lógica imperial, transformando o corpo do outro em superfície visível para a inscrição de uma alteridade colonizada e domesticada.

A aliança entre fotografia e Antropologia física consolidou-se quando a imagem passou a operar como forma de “prova”, confirmando uma suposta verdade empírica sobre as diferenças humanas. Samain (2001) evidencia que esse uso da visualidade reforçava preconceitos raciais ao tratar o corpo como dado morfológico e não como portador de experiências, memórias e significados. Ao pretender objetividade, a fotografia mascarava processos ideológicos de exclusão e naturalização da desigualdade, configurando-se como dispositivo ativo de poder e silenciamento. Assim, não apenas registrava formas visíveis: produzia classificações que sustentaram hierarquias coloniais.

À medida que a fotografia entrou nas primeiras Etnografias, consolidou-se também uma estética e uma ética do distanciamento. O olhar fotográfico clássico, associado ao cientista estrangeiro supostamente imparcial, construía seus registros segundo lógicas classificatórias e uma economia do exótico. Instalava-se o que poderíamos chamar de “impressão do outro”: representações empobrecidas da alteridade, fixadas no tempo e no espaço e desprovidas de densidade histórico-social. O sujeito fotografado tornava-se objeto visual, congelado em poses que reiteravam mitos coloniais e ignoravam sua agência e sua inserção em redes de relações.

Essa lógica de objetificação expressava um modelo de ciência que privilegia o visível sobre o sensível e o classificável sobre o relacional. A cientificidade do olhar, como destaca Samain (2001), reduzia a complexidade do vivido em nome de uma neutralidade metodológica que, na prática, consolidava epistemologias excludentes. A fotografia etnográfica não era mero complemento ilustrativo: desempenhava papel central na afirmação de regimes de verdade que sustentaram o colonialismo e seus modos de conhecer.

Como observa Samain (1995), em sua leitura das imagens produzidas por Bronisław Malinowski, mesmo em contextos já marcados por uma inflexão etnográfica, os registros visuais frequentemente privilegiam a exposição dos corpos e

das práticas em enquadramentos relativamente controlados, nos quais os sujeitos aparecem isolados ou pouco situados em redes mais amplas de relação, contribuindo para a estabilização de certas leituras sobre o “outro”.

Ao longo do século XX, esse estatuto começou a ser criticado de forma sistemática. Autores como Franz Boas (1941) já apontavam a importância do contexto cultural para interpretar registros visuais, abrindo caminho para revisões epistemológicas que questionaram a objetividade atribuída às imagens. A virada crítica – articulada por tradições pós-coloniais, reflexivas e feministas – reposicionou a fotografia como linguagem situada, atravessada por intencionalidades, silêncios e enquadramentos. Edwards (1992) demonstra que a imagem na Antropologia deve ser entendida como processo interpretativo, produzido em contextos históricos e sociais específicos.

Essa revisão crítica implicou também reconhecer o gesto fotográfico como ação carregada de escolhas: o que se fotografa, de onde se fotografa e o que permanece fora do quadro. Para Caiuby Novaes (2014), o silêncio das imagens evidencia justamente esses pontos cegos, convocando o/a pesquisador/a a perceber ausências, tensões e ambivalências que compõem sua potência simbólica. O uso da fotografia passa, então, a ser interrogado não apenas tecnicamente, mas em suas implicações éticas, políticas e epistemológicas.

Com essa mudança teórica, torna-se possível compreender a imagem como campo de disputa simbólica, marcado por assimetrias e negociações. A crítica desloca a fotografia de mero dado empírico para construção narrativa, revelando que sua aparente neutralidade sempre se enraíza em relações de poder. Nesse movimento, autores como Azoulay (2012) e Libardi e Dadalto (2025) defendem que a fotografia deve ser entendida como acontecimento social – um encontro no qual múltiplos agentes participam da produção do visível.

Revisitar as imagens etnográficas do passado, portanto, não significa descartá-las, mas lê-las à luz das histórias que silenciaram. Esse exercício permite restituir parcelas de um direito de olhar que foi historicamente negado aos sujeitos fotografados (Azoulay, 2012) e, ao mesmo tempo, tensionar a continuidade de práticas que naturalizaram desigualdades. Trata-se de um gesto de descolonização do olhar, no qual a Antropologia visual contemporânea se vê convocada a construir formas de escuta visual mais sensíveis e atentas às existências que resistem a ser reduzidas à imagem.

Usos atuais da fotografia na Etnografia

Na Etnografia contemporânea, a fotografia deixou de ocupar uma função essencialmente documental e passou a constituir um meio de interlocução e criação

conjunta de sentido. Esse deslocamento acompanha as transformações teóricas e políticas que reconfiguraram o trabalho etnográfico desde as últimas décadas do século XX.

As abordagens discutidas a seguir podem ser compreendidas como parte de um movimento mais amplo de reconfiguração multimodal da Etnografia (Ribeiro, 2005), no qual a fotografia passa a operar em articulação com outros registros sensoriais, narrativos e técnicos, deslocando-se da função de registro para a de forma ativa de produção de conhecimento. A crítica à objetividade positivista, somada ao fortalecimento de epistemologias decoloniais, feministas e sensoriais, abriu espaço para metodologias que reconhecem a dimensão relacional, situada e sensível da produção de conhecimento (Haraway, 2019; Stengers, 2018).

Nesse contexto, o/a pesquisador/a deixa de ser um observador externo e passa a ser alguém implicado nas relações que atravessam o campo. A fotografia, acompanhando esse movimento, não atua apenas como registro do visível ou como ilustração do texto, mas como prática que convoca formas de presença, atenção e cuidado. O foco desloca-se do “objeto” para a relação.

A imagem fotográfica passa, assim, a integrar os modos de conhecer, narrar e experienciar o campo. A Etnografia visual não se define por um conjunto fixo de técnicas, mas por uma abertura à experiência, à corporalidade e aos encontros que emergem no processo de produzir imagens (Pink, 2001; MacDougall, 1998). O envolvimento do/a pesquisador/a nos mundos que fotografa, a escuta das imagens e o compromisso com aqueles/as que nelas aparecem implicam uma ética da presença e da representação.

Nessa perspectiva, a fotografia não é algo que se “tira”, mas que se “faz” – com, e não sobre, os outros. Exige negociação do olhar, partilha de mundos e manejo de tensões, silêncios e vulnerabilidades. Como sugere Flusser (2002 *apud* Carboni, 2020), o dispositivo fotográfico não oferece o “mundo”, mas fragmentos que nos permitem captar aspectos dele; e é justamente nesse intervalo interpretativo que emergem os encontros mais significativos. As imagens produzidas em campo tornam-se vestígios sensíveis que reabrem a experiência à reflexão, permitindo que o etnógrafo seja novamente atravessado pelo vivido.

O exemplo de Sylvia Caiuby Novaes é emblemático. Ao revisitar duas fotografias feitas durante um funeral bororo, a autora percebeu sentidos e relações que haviam escapado ao olhar do campo, como, por exemplo, as relações entre ritos funerários e práticas de nominação, inicialmente não percebidas em campo. Nesse gesto posterior de atenção demorada, a imagem revelou camadas simbólicas que exigiam ser novamente interpretadas. Como observa Caiuby Novaes (2008:129), as fotografias, embora silenciosas, “nos convocam à fala”, operando como memória sensível, rastro e arquivo que insiste em significar. A fotografia, nesse sentido, não fecha o campo; ela o reabre.

Esse reencontro com as imagens não se restringe ao pós-campo individual, mas expressa uma transformação mais ampla nos usos da fotografia na Etnografia. A imagem, antes vista como documentação auxiliar, tem assumido funções mais compartilhadas e relacionais. Ao transitar do registro para a interlocução, a fotografia torna-se meio de articulação de afetos, perspectivas e narrativas entre pesquisador/a e interlocutores/as. Ela desloca modos de ver e de saber, abrindo espaço para práticas que ampliam a escuta visual e complexificam a participação dos sujeitos na construção da pesquisa.

Quando a fotografia passa a ser compreendida como gesto e encontro, tornam-se possíveis outras maneiras de produzir conhecimento – modos que não apenas veem, mas escutam imagens. Nesse movimento, emergem metodologias que fazem da fotografia um ponto de partida para conversas e vínculos.

Imagens que escutam

Nesse horizonte, ganham destaque práticas que envolvem os/as participantes na produção conjunta de conhecimento, utilizando a fotografia como ponto de partida para o diálogo, a análise coletiva e, muitas vezes, para a ação política. Uma dessas abordagens é a *photo-elicitation*, cuja formulação inicial remonta aos trabalhos de John Collier na década de 1950, quando investigava transformações sociais e questões de saúde mental nas províncias marítimas do Canadá (Harper, 2002). O método consiste em inserir imagens no processo de entrevista como forma de ativar memórias, emoções e modos de interpretação que frequentemente não emergem em conversas exclusivamente verbais.

Ao provocar a fala, a fotografia cria um ambiente de coanálise em que pesquisador/a e interlocutor/a constroem, juntos, a tessitura dos sentidos. Mostrar, comentar e refletir em torno de uma imagem transforma a entrevista em operação hermenêutica encarnada, mobilizando corpo, memória e imaginação. A *photo-elicitation* dialoga, assim, com abordagens etnográficas contemporâneas que valorizam reflexividade, coautoria e produção situada de conhecimento (Pauwels, 2015).

O uso da técnica por Moura e Baldi (2019) com moradoras do bairro Herculano, na cidade do Porto, evidencia essa potência. A partir da ativação de arquivos pessoais e familiares, as mulheres revisitaram suas histórias por meio das fotografias de seus próprios álbuns, produzidas em diferentes momentos de suas trajetórias, reconstruindo vivências individuais e transformações no território. A fotografia, antes confinada ao espaço íntimo, tornou-se fio condutor de vínculos, pertencimentos e memórias compartilhadas. Ao circular entre participantes e pesquisadoras, as imagens operaram como dispositivo colaborativo capaz de sustentar uma narrativa sensível

sobre o bairro, integrando saberes, afetos e experiências que dificilmente emergiriam em entrevistas tradicionais.

A potência da *photo-elicitation* reside menos na produção de dados e mais na forma como desestabiliza hierarquias usuais da pesquisa, convidando à partilha de mundos. Ao ceder a palavra – e a imagem – aos/às participantes, o/a pesquisador/a se desloca, assumindo posição de escuta diante daquilo que a fotografia convoca no outro. Cada imagem torna-se superfície sensível de enunciação, atravessada por memórias, afetos, silêncios e insurgências. O ato de olhar junto transforma a entrevista em território ético, onde conhecimentos não apenas são apreendidos, mas cultivados.

Nessas margens partilhadas, a fotografia atua como mediadora entre biografia e história, entre o íntimo e o coletivo, abrindo caminhos para narrativas que recusam a neutralidade e afirmam a presença. Ao tratar a imagem como interlocutora – e não apenas como ilustração –, essas metodologias ampliam a escuta visual e intensificam a participação dos/as sujeitos/as na construção do conhecimento etnográfico.

Quando o campo dispara

A expansão do uso da fotografia como experiência de coanálise e reconstrução relacional do campo etnográfico não se esgota nas entrevistas mediadas por imagens. Há metodologias que deslocam ainda mais o eixo da produção visual, colocando a câmera diretamente nas mãos dos/as participantes da pesquisa. É o caso do *photovoice*, técnica concebida a partir da parceria entre Caroline Wang (Universidade de Michigan) e Mary Ann Burris (Universidade de Londres), que propõe o uso da produção fotográfica como ferramenta de expressão, crítica social e engajamento político de sujeitos/as envolvidos/as na pesquisa (Meirinho, 2017).

No *photovoice*, não se trata de falar sobre imagens, mas de permitir que os/as interlocutores/as produzam e interpretem fotografias que consideram significativas em suas vidas. A prática tensiona a autoria etnográfica, deslocando o/a pesquisador/a para um lugar de escuta, facilitação e organização narrativa. Isso ganha força, sobretudo, diante do risco, apontado por Meirinho (2017), de que o/a fotógrafo/a-pesquisador/a – especialmente, quando alheio/a ao contexto – distorça a densidade simbólica das realidades representadas. Ao contrário, quando as imagens são produzidas pelos próprios participantes, tornam-se pontes entre mundos, catalisando imaginação, deslocamento e dúvida – dimensões fundamentais da prática etnográfica.

Do ponto de vista dos/as pesquisadores/as, metodologias visuais colaborativas como o *photovoice* ampliam os horizontes analíticos da investigação e favorecem a construção de conhecimento situado e sensível. Para os/as participantes, os efeitos são múltiplos: fortalecimento de narrativas próprias, validação de repertórios de vida,

reconhecimento de saberes locais, incremento da autoestima, equidade de gênero e estímulo à ação coletiva. Ao produzir imagens sobre si mesmos/as, sujeitos/as historicamente silenciados/as passam a participar ativamente da construção de discursos sobre sua realidade. A fotografia torna-se, assim, gesto de restituição simbólica e ferramenta de transformação social.

Um exemplo do uso do *photovoice* em contexto etnográfico é o estudo de Melleiro e Gualda (2005) com gestantes atendidas no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo. As participantes, munidas de câmeras disponibilizadas pela pesquisa ou, em alguns casos, utilizando dispositivos próprios, produziram imagens ao longo do trabalho de campo. Posteriormente, essas imagens foram compartilhadas e discutidas em entrevistas individuais, permitindo registrar aspectos significativos do ambiente do pré-natal. As fotografias ativaram memórias, percepções e afetos que dificilmente emergiriam por métodos exclusivamente verbais, funcionando como mediação entre vivência e narrativa. Ao transformar as gestantes em produtoras de sentido, o estudo evidenciou como a fotografia pode ampliar a apreensão etnográfica e articular linguagem visual, memória e crítica social. Como destacam as autoras, o recurso fotográfico foi fundamental em todas as fases da pesquisa, do disparo à transcrição das entrevistas, revelando um caminho potente para a construção de conhecimento situado.

Outro caso, articulado a métodos investigativos diversos, aparece no trabalho de Ederson Lauri Leandro com professores e estudantes da aldeia-escola Zawã Karej Pangyjej, do povo indígena Zoró (Leandro, 2021). Oficinas fotográficas incentivaram o registro de aspectos significativos do cotidiano escolar e comunitário, revelando desafios e formas de resistência e pertencimento ao território. Circulando em rodas de conversa, as imagens tornaram-se catalisadoras de diagnósticos locais e propostas de ação, fortalecendo a autonomia discursiva dos/as participantes. Mais do que ilustrar realidades, o *photovoice* permitiu que os/as envolvidos/as se vissem como autores/as de uma narrativa coletiva, em que fotografia e oralidade se entrelaçam como práticas de reivindicação política, pedagógica e cultural. Como afirma Leandro (2021:965), “a combinação metodológica de *photovoice* e fotoetnografia é capaz de fazer brotar e fluir, com maior limpidez, as águas fenomenológicas do ‘lugar’”.

Essas experiências mostram como, ao ser reinscrita no trabalho etnográfico pela participação ativa dos/as interlocutores/as, a fotografia adquire uma nova gramática: não mais linguagem de captura, mas de criação coletiva. As imagens – enquanto campos de força – disparam memórias, reconfiguram identidades, organizam afetos. Mobilizando o olhar como gesto de escuta e intervenção, o *photovoice*, assim como a *photo-elicitation*, integra um conjunto de práticas visuais que desafia o/a pesquisador/a a repensar suas posições e a acolher formas de conhecimento que emergem do encontro entre visível, vivido e compartilhado. Suas potências se ampliam ainda mais quando articuladas a outras abordagens metodológicas,

compondo estratégias abrangentes de investigação colaborativa. Ao entrelaçar diferentes linguagens, o gesto etnográfico não apenas representa, mas performa o conhecimento, produzindo modos plurais de narrar e intervir no mundo.

Imagens em órbita digital

Se as imagens produzidas com ou pelos/as interlocutores/as oferecem densidade relacional ao trabalho de campo, há um vasto terreno etnográfico também naquelas que já circulam – de modo espontâneo, voluntário ou difuso – nos ambientes digitais. No contexto da circulação digital e dos ambientes hipermediáticos, a fotografia tende a intensificar seu caráter multimodal, integrando-se a fluxos de som, texto, arquivo e performance, o que recoloca questões éticas, políticas e epistemológicas centrais para a Etnografia contemporânea.

Fotografias compartilhadas em redes sociais, arquivos pessoais disponibilizados *online*, registros de manifestações políticas em plataformas públicas, *blogs* comunitários e acervos de ativismo visual constituem um repositório pulsante que pode ser mobilizado pelo/a etnógrafo/a como material analítico, e não apenas ilustrativo. Essas imagens orbitam em torno dos temas, dos territórios e das afetações que mobilizam os/as sujeitos/as, exigindo do/a pesquisador/a novas formas de escuta e presença.

A Etnografia visual contemporânea, ao incorporar imagens que já circulam, desloca o próprio gesto etnográfico: o campo deixa de ser lugar fixo e torna-se constelação de relações móveis, atravessadas por plataformas, algoritmos e regimes de visibilidade. O/a pesquisador/a, nesse cenário, não necessariamente produz imagens; ele/a é interpelado/a por elas. Seu trabalho passa a consistir em escutar o que essas imagens mostram – e o que silenciam – em seus contextos de produção, circulação e recepção. Nesse movimento, o gesto etnográfico assume também uma dimensão curatorial, atenta às textualidades visuais e às ecologias digitais que configuram presenças.

Nesse sentido, estudos como o de Geismar (2018) mostram como imagens vernaculares digitalizadas por comunidades indígenas ou arquivadas em plataformas abertas não apenas resistem às invisibilizações coloniais, mas performam políticas de memória, pertencimento e continuidade cultural. Elas acionam modos de ver e narrar o mundo que escapam à centralidade do olhar acadêmico, convocando o/a pesquisador/a a um exercício ético de cuidado com seus modos de circulação e com as vulnerabilidades que carregam.

Esses gestos de visibilidade periférica evidenciam produções visuais não institucionalizadas, mas profundamente engajadas em disputas por reconhecimento, território e dignidade. Aproximar-se dessas imagens implica lidar com ambivalências

– autoria anônima, fragilidades contextuais, opacidades de sentido. A análise demanda atenção ao que é exposto, repetido e ocultado; às recorrências formais; às estratégias de autopresentação; aos regimes de vigilância que moldam modos de aparecer. Nessas margens do visível, a Etnografia não coleta dados: ela reativa mundos.

Em outro trabalho, Pastor (2021), ao investigar *selfies* e a dataficação do cotidiano, argumenta que tais imagens funcionam como dispositivos material-discursivos. Longe de constituírem autorretratos narcísicos, as *selfies* configuram modos de produzir presença e negociar sentidos nas plataformas digitais, ativando agenciamentos estéticos e políticos que tensionam normas de visibilidade.

A pesquisa de Lima *et al.* (2024) com adolescentes pretas e pardas da periferia do Recife/PE revela tensões semelhantes. Nas autoimagens postadas no Instagram, desejo, controle e resistência se entrelaçam. As jovens negociam, simultaneamente, os filtros do aplicativo e os filtros sociais do racismo, da hipervisibilidade e da vigilância moral. O simples gesto de postar uma foto emerge como ato de pertencimento, denúncia e invenção de si. Ao apreender essas camadas, a pesquisa evidencia que imagens voluntárias também são atravessadas por disputas e vulnerabilidades, tornando-se dispositivos críticos de autoinscrição.

É nesse sentido que essas imagens performam, mais do que representam. Elas promovem encontros, tencionam normatividades e abrem frestas para imaginarmos outros modos de vida. O campo etnográfico, nesse caso, se localiza e se realiza nos rastros visuais deixados pelos/as sujeitos/as e nas tramas de sentido que emergem da circulação digital. A escuta do etnógrafo, portanto, deve acompanhar o ritmo instável dessas imagens, seus fluxos, suas pausas, seus ecos.

Na intersecção entre o analógico e o digital, entre o campo presencial e o campo que se desdobra em plataformas, a fotografia reafirma sua potência: não como espelho do real, mas como convocação ao encontro. Como propõe Azoulay (2012), toda fotografia envolve um contrato político – e toda Etnografia, um exercício de imaginação moral.

Nessas órbitas digitais, as imagens circulam, escapam, reverberam, se desfazem – e, ao fazê-lo, acompanham a própria instabilidade do mundo que as produz. Entre a velocidade dos fluxos e a volatilidade dos encontros, a fotografia digital torna visível aquilo que Bauman (2001) descreve como a fluidez das relações contemporâneas. É nesse cenário líquido, marcado por temporalidades descontínuas e presenças fragmentadas, que se inscrevem as imagens de um mundo instável.

Nesse particular, a ampliação da circulação digital das imagens introduz desafios éticos específicos ao trabalho etnográfico. Fotografias produzidas em contextos situados passam a circular em plataformas digitais, muitas vezes descoladas de seus enquadramentos originais, o que tensiona questões de autoria, consentimento e controle sobre os usos da imagem. Do mesmo modo, o trabalho com arquivos pessoais e álbuns familiares exige atenção às dimensões sensíveis da memória e da

intimidade. Esses aspectos indicam que a fotografia, ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de escuta e coautoria, também demanda uma ética renovada diante de seus modos contemporâneos de circulação.

Imagens de um mundo instável

A vida social contemporânea transborda os limites do espaço físico e se reorganiza em fluxos contínuos de informação e afetos mediados por imagens (Lupton, 2015). Nesse cenário – marcado pela instabilidade e pela fluidez que Bauman (2001) identifica como características da modernidade líquida –, também os modos de autorrepresentação, pertencimento e disputa simbólica se tornam mais voláteis. Para a Etnografia visual, isso significa lidar com imagens que não apenas registram mundos, mas participam ativamente de sua produção, circulação e transformação.

As imagens fotográficas – produzidas, compartilhadas ou apropriadas nos ambientes digitais – tornam-se indícios de um campo em movimento permanente, onde os dilemas sociais ganham novas formas de expressão e disputa. Racismos, sexismos, performances identitárias, disputas morais e reivindicações políticas materializam-se em imagens, exigindo de quem pesquisa sensibilidade para reconhecer que os modos de ver são também modos de intervir. Assim, a fotografia se configura em um campo de forças em que os conflitos e os afetos da contemporaneidade se tornam visíveis – e, por isso, passíveis de escuta etnográfica.

A tríade *instável/efêmero/mutável*, que caracteriza a referida sociedade líquida, impacta, portanto, na circulação das imagens digitais. São imagens digitalizadas que circulam, mas igualmente desaparecem, são editadas, comentadas, compartilhadas, “printadas” e reapropriadas continuamente; engendram um fluxo que não cessa e que desafia a rigidez e a fixidez tradicional da representação de si. Nesse ínterim, sociabilidades e interações também se tornam mais frágeis, mesmo que mais numerosas, mediante modos de ver e ser visto/a sob múltiplos olhares no contexto da hiperexposição das redes sociais digitais. De fato, a ausência de solidez nas interações sociais impõe ao/a etnógrafo/a o desafio da captura de pertencimentos estáveis através das imagens, ao passo que possibilita o desenvolvimento de uma escuta sensível e atenta às nuances dos fluxos, trajetos e deslocamentos visuais e afetivos contemporâneos.

A vida digitalizada em *bits* e *pixels*, por meio de fotografias digitais, evidencia que essas imagens vão além do registro, são dispositivos que permitem percorrer a fluidez do cotidiano. Ao expandirem as possibilidades de escuta e presença, essas imagens revelam como sujeitos/as constroem e negociam suas identificações no entrecruzamento de temporalidades aceleradas, regimes de visibilidade e expectativas

sociais. A Etnografia visual, ao se abrir para esses fluxos, ganha ferramentas para compreender como se narram vidas em meio à instabilidade.

Como argumenta Abu-Lughod (2018), as experiências cotidianas – mesmo em contextos marcados por contradições e incertezas – não se reduzem a categorias rígidas, mas expressam tensões, decisões difíceis, fragilidades e momentos de alegria. No ambiente digital, essas dimensões aparecem inscritas nas imagens, que tornam visíveis formas situadas de luta por reconhecimento, modos de habitar o mundo e tentativas de produzir coerência em meio à fluidez. A fotografia, nesse específico, não apenas representa essa instabilidade: ela a performa, a documenta e a reconfigura.

Algumas considerações finais

A trajetória revisitada neste artigo evidencia que os usos da fotografia na Antropologia não constituem apenas mudanças técnicas, mas deslocamentos epistemológicos e ético-políticos profundos. Nos registros coloniais e nas práticas classificatórias da Antropologia física, as imagens operaram como dispositivos de domesticação visual: corpos foram transformados em índices, diferenças em hierarquias e o “outro” em objeto de captura. A câmera, nesse contexto inaugural, desempenhou um papel de ordenamento excludente, reforçando a distância entre quem observa e quem é observado.

As inflexões críticas que marcaram o século XX deslocaram esse paradigma. A fotografia passou a ser compreendida como linguagem situada, atravessada por escolhas, enquadramentos e relações de poder. Revisitar as imagens inaugurais não significa descartá-las, mas reinscrevê-las dentro de uma reflexão antropológica que reconhece seus silenciamentos e violências, abrindo espaço para outras formas de escuta. A passagem da objetividade neutra para uma relacionalidade situada abre caminhos para práticas que pensam a imagem como acontecimento – e não como espelho.

É nesse contexto que a Etnografia visual sensorial e colaborativa ganha relevância. Técnicas como a *photo-elicitation* e o *photovoice* mostram como a fotografia pode mediar narrativas, afetos e memórias quando colocada em circulação entre pesquisador/a e interlocutores/as. A imagem deixa de ser mera documentação e se torna gesto político: um modo de partilhar mundos, redistribuir voz e tensionar autorias. Para sujeitos historicamente silenciados, produzir imagens – e não apenas aparecer nelas – é reivindicar agência e reconfigurar os regimes de visibilidade que os atravessam.

No cenário digital, essas questões se complexificam. As imagens que circulam em redes sociais, arquivos vernaculares digitalizados e plataformas de ativismo visual configuram um campo etnográfico instável, atravessado por algoritmos, velocidades e

efemeridades. A Etnografia passa a habitar esse entrelugar: nem somente presencial, nem exclusivamente *online*, mas perambulando por fluxos *on-offline* que exigem do/a pesquisador/a atenção às disputas simbólicas e afetivas próprias da visualidade digital contemporânea. Escutar imagens, nesse contexto, é também compreender como elas emergem, são apropriadas, desaparecem, reaparecem e performam modos de existir.

Esses deslocamentos convocam perguntas éticas incontornáveis: como sustentar uma escuta comprometida diante de fluxos visuais instáveis? Como incorporar imagens sem reiterar desigualdades? Como reconhecer interlocutores/as como coautores/as de suas autorrepresentações?

Nesse sentido, a multimodalidade não é apresentada aqui como um novo método a ser incorporado à Etnografia, mas como uma condição contemporânea do próprio fazer etnográfico, atravessado por múltiplas linguagens, regimes sensoriais e formas de circulação das imagens. A Antropologia visual encontra, nesse cenário, não apenas desafios, mas possibilidades fecundas para desestabilizar a herança do “outramento” e imaginar modos de conhecer que se apoiam na reciprocidade, na partilha e na responsabilidade.

Acolher esses deslocamentos significa admitir que fotografar na Etnografia não é capturar, mas responder; não é extrair, mas coproduzir; não é encerrar um mundo, mas abrir caminhos de presença. A fotografia torna-se, assim, prática situada e ato político. Cada enquadramento inaugura uma relação, e cada relação implica escolhas.

Em síntese, sugerimos que a intersecção entre fotografia e Etnografia, hoje, se desloca de um regime de captura para um regime de presença e coautoria. Ao reconhecer a imagem como gesto que cria mundos, este ensaio convida a uma prática antropológica que fotografa escutando, etnografa partilhando e narra sendo afetada. O desafio – e a potência – talvez esteja justamente aí: em escolher, diante de cada imagem, entre reforçar silêncios antigos ou abrir espaço para narrativas plurais que emergem do encontro.

Pois se a fotografia já não fixa o outro, mas abre possibilidades de coabitação e de sentido, cabe ao/à etnógrafo/a um gesto simples e exigente: olhar menos para capturar e mais para escutar – porque toda imagem, quando realmente ouvida, devolve ao mundo a espessura que lhe foi negada.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. (2018). “A escrita contra a cultura”. *Equatorial*, v. 5, n. 8, pp. 193-226. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615>
- AZOULAY, Ariella. (2012). *The Civil Contract of Photography*. New York, Zone Books.
- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BOAS, Franz. (1941). *Race, language and culture*. New York, Macmillan.

- CAIUBY NOVAES, Sylvia. (2023). “Fotografia e etnografia”. *Iluminuras*, v. 24, n. 64, pp. 17-26. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.22456/1984-1191.132382>
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. (2014). “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2, pp. 57-67. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.245>
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. (2008). “Corpo: imagem e memória”, in Mammi, Lorenzo; Schwarcz, Lília (orgs), *8 X Fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 13-131.
- CARBONI, Maria Cecilia C. (2020). “Fotografia, registro sem documento”. *Galáxia*, n. 44, pp. 158-172. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-25532020242527>
- EDWARDS, Elizabeth. (1992). *Anthropology and Photography: 1860–1920*. New Haven, Yale University Press
- GEISMAR, Haidy. (2018). *Museum Object Lessons for the Digital Age*. London, UCL Press.
- HARAWAY, Donna. (2019). *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao, Consonni.
- HARPER, Douglas. (2002). “Talking about pictures: A case for photo elicitation”. *Visual Studies*, v. 17, n. 1, pp. 13-26. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14725860220137345>
- LEANDRO, Ederson L. (2021). “O estudo do lugar: contribuições complementares de fotoetnografia e photovoice”. *Ciência Geográfica*, v. 25, n. 3, pp. 941-967. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em https://agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_3/agb_xxv_3_web/agb_xxv_3-09.pdf
- LIBARDI, Virgílio C. M.; DADALTO, Maria Cristina. (2025). “Olhar com o coração: o amor diferencial como fundamento da fotografia humanista”. *Temáticas*, v. 33, n. 66, pp. 403-430. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.20396/tematicas.v33i66.20577>
- LIMA, Geberson D. S.; BLACK, Taciana L. D. P.; SILVA, Anderson V. D.; SILVA, Kalina. V. (2024). “O que há entre o real e o digital nas redes sociais? Análises das representações e etnografia digital de adolescentes pretas e pardas da periferia do Recife no Instagram”. *Horizontes Antropológicos*, v. 30, n. 68, pp. 1-32. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://journals.openedition.org/horizontes/8866>
- LUPTON, Deborah. (2015). *Digital Sociology*. London, Routledge.
- MACDOUGALL, David. (1998). *Transcultural Cinema*. Princeton, Princeton University Press.
- MEIRINHO, Daniel. (2017). “O olhar por diferentes lentes: o photovoice enquanto método científico participativo”. *Discursos Fotográficos*, v. 13, n. 23, pp. 261-290. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n23p261>
- MELLEIRO, Marta Maria; GUALDA, Dulce Maria R. (2005). “La fotovoz como estrategia para la recolección de datos en una investigación etnográfica”. *Ciencia y Enfermería*, v. 11, n. 1, pp. 51-57. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95532005000100006>
- MOURA, Inês S.; BALDI, Vania. (2019). “Fotografia falada: histórias e memórias do Bairro Herculano a partir das fotografias do arquivo pessoal das suas moradoras”. *Revelar: Revista de Estudos da Fotografia e Imagem*, n. 4, pp. 35-52. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.21747/17775302/rev4a2>
- PASTOR, Leonardo. (2021). “Selfie e dataficação do cotidiano: um olhar etnográfico para as práticas e políticas material-discursivas”. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 2, pp. 260-270. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39553>

- PAUWELS, Luc. (2015). *Reframing Visual Social Science: Towards a More Visual Sociology and Anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- PINK, Sarah. (2001). *Doing Visual Ethnography*. London, SAGE.
- RIBEIRO, José da S. (2005). “Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação”. *Revista de Antropologia*, v. 48, n. 2, pp. 613-648. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200007>
- SAMAIN, Etienne. (1995). “‘Ver’ e ‘dizer’ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes Antropológicos*, v. 1, n. 2, pp. 19-48. [Consult. 02-03-2026]. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831995000200004>
- SAMAIN, Etienne. (2001). “Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: O jornal La Lumière (1851-1860)”. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 1, pp. 89-126. [Consult. 02-03-2026]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000200003>
- STENGERS, Isabelle. (2018). *No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo, Cosac Naify.

Virgilio Cesar de Mello Libardi

 <https://orcid.org/0000-0002-3162-6554>
 <https://lattes.cnpq.br/1137521124860191>

Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: virgiliolibardi00@gmail.com

Maria Cristina Dadalto

 <https://orcid.org/0000-0002-7925-3929>
 <https://lattes.cnpq.br/1720560349495010>

Pós-Doutorado na Università Ca'Foscari di Venezia/Itália. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora dos Programas de Pós-Graduação em História e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: mcdadalto@gmail.com

Rafaela Oliveira Borges

 <https://orcid.org/0000-0003-0890-5851>
 <http://lattes.cnpq.br/9824767539802585>

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora e Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: rafaelaoborges@hotmail.com

Revisão técnico-gramatical

Saulo Lopes de Sousa²

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira relacionados à pesquisa, à análise dos dados e/ou à redação do manuscrito.

Financiamento

O artigo integra projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

Uso de IA

Neste texto foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial, em especial o ChatGPT, com a finalidade de sugerir correções de redação. Todas as intervenções realizadas pela ferramenta foram tratadas exclusivamente como sugestões. A responsabilidade intelectual, ética e autoral pelo conteúdo é integralmente dos autores.

Disponibilidade de dados

Todos os dados utilizados e analisados neste estudo estão apresentados no corpo do manuscrito. Não há conjuntos de dados adicionais.

Contribuições de autoria CRediT

Virgilio Cesar de Mello Libardi: Conceitualização (Conceptualization); Metodologia (Methodology); Investigação (Investigation); Redação – rascunho original (Writing – original draft); Redação – revisão e edição (Writing – review and editing); Validação (Validation). *Maria Cristina Dadalto*: Conceitualização (Conceptualization); Redação – rascunho original (Writing – original draft); Validação (Validation). *Rafaela Oliveira Borges*: Conceitualização (Conceptualization); Redação – rascunho original (Writing – original draft); Validação (Validation).

² E-mail: saullo.soouso@gmail.com